



FRANCISCO MARIA CAVALCANTI DE OLIVEIRA, O CHICO DE OLIVEIRA (1933-2019)

[http://dx.doi.org/10.25091/
S01013300201900020001](http://dx.doi.org/10.25091/S01013300201900020001)

NADYA ARAUJO GUIMARÃES

Eram os idos de outubro de 1972. O Cebrap lançava, então, o segundo número de sua revista, à época denominada *Estudos Cebrap*. Como carro-chefe, oferecia ao leitor um longo ensaio de quase oitenta páginas que, nos dias atuais, seria certamente recusado por dez entre dez editores. Um artigo tão cômico de sua ousadia que, já na frase de abertura, deixava claro o alcance almejado:

A perspectiva deste trabalho é a de contribuir para a revisão do modo de pensar a economia brasileira, na etapa em que a industrialização passa a ser o setor-chave para a dinâmica do sistema, isto é, para efeitos práticos, após a Revolução de 1930. (p. 5, grifos meus)

Maior premonição impossível. De fato, o texto “A economia brasileira: crítica à razão dualista”, de Francisco de Oliveira, caiu como uma bomba no debate acadêmico brasileiro, imprimindo-lhe um novo enquadramento. Tratava-se de um agudo acerto de contas com o pensamento cepalino, cuja razão dualista era ali meticulosamente desmontada.

Entretanto, o autor sustentava sua “dialética negativa” (como mais tarde qualificou seu modo de pensar) num delicado equilíbrio entre, de um lado, crítica perspicaz e demolidora, e, de outro, delicadeza e respeito no trato com os que reconhecia, em suas palavras, como “interlocutores válidos”. Assim era Chico de Oliveira. Por isso mesmo, abriu seu texto com duas preliminares, deixando claro ao leitor o lugar a partir do qual a reflexão se gestara. Na primeira nota de rodapé, e antes mesmo de iniciar o argumento, cuidou de identificar o entorno e as questões a que respondia, deixando entrever o estilo de trabalho intelectual que animava seu grupo:

Este ensaio foi escrito como uma tentativa de resposta às indagações de caráter interdisciplinar que se formulam ao Cebrap, acerca do processo de expansão socioeconômica do capitalismo no Brasil. Beneficia-se,

dessa maneira, do peculiar clima de discussão intelectual que é apátrio do Cebrap, a cujo corpo de pesquisadores pertence o autor. O autor agradece às críticas e sugestões dos seus colegas [...]. (p. 4, grifos meus)

Na primeira seção do ensaio, intitulada “Uma breve colocação do problema”, Chico plantou uma segunda preliminar, dando mostras do respeito que conferia àqueles cujo pensamento iria desconstruir. Com alguns deles, como foi o caso de Celso Furtado, partilhara experiências cruciais em sua própria trajetória pessoal.

O esforço reinterpretativo que se tenta neste trabalho suporta-se teórica e metodologicamente em terreno completamente oposto ao do dual-estruturalismo; neste ponto, bom é que se esclareça aonde se quer chegar: não se trata, em absoluto, de negar o imenso aporte de conhecimentos bebido diretamente ou inspirado no “modelo Cepal”, mas exatamente de reconhecer nele o único interlocutor válido, que ao longo dos últimos decênios contribuiu para o debate e a criação intelectual sobre a economia e a sociedade brasileira e a latino-americana. Mesmo porque a oposição ao “modelo Cepal”, durante o período assinalado, não se fez nem se deu em nome de uma postura teórica mais adequada. [...] Assim, ao tentar-se uma “crítica à razão dualista”, reconhece-se a impossibilidade de uma crítica semelhante aos “sem-razão”. (p. 7, grifos meus)

Por certo não é aqui o lugar para resenhar as ideias desse ensaio seminal, muito menos sua intensa reverberação na cena brasileira. O fato é que nele se estabelecia, na interpretação desse período, um ponto de não retorno ao economicismo. Por meio desse libelo pela importância de pensar politicamente a economia, retendo o jogo de forças que lhe conferia complexidade, Chico revigorou o pensamento marxista produzido no Brasil. Quarenta anos depois, ele diria, em entrevista a Marcelo Ridenti e Flavio Mendes, quando instado a falar de sua obra: “Eu tenho um texto importante, dos anos 1970, que é ‘Crítica à razão dualista’. Os outros não tiveram tanta importância”.

Os elos com a *Estudos Cebrap* foram sendo cultivados. Podemos encontrar Chico recorrentemente ao longo dos anos de vida da revista. Seus artigos documentam quão diversas eram suas inquietudes intelectuais, indo desde uma reflexão sobre a construção de estruturas alienantes a partir da leitura de *Pantaleão e as visitadoras*, de Vargas Llosa (n. 8), até uma provocativa incursão no debate demográfico, em que se debruça sobre o tema da reprodução de homens e mulheres sob o capital (n. 16), passando por encarar as tensões que marcavam, à época, a universidade brasileira (n. 27). No entremeio, textos mais alinhados com sua agenda habitual, seja na forma de resenhas (como a do trabalho de Levinson sobre capital, inflação e empresas multinacionais,

no n. 4), seja na de artigos prenhes de reflexões de natureza socioeconômica, como ao tratar da “terciarização” e de seus horizontes na economia paulistana (n. 24) ou das transformações políticas e seus elos com a economia em transição nas sociedades latino-americanas, à luz da crise peruana de 1968 (n. 10).

Chico continuou deixando suas marcas quando uma nova época editorial veio a instituir a *Novos Estudos Cebrap*. Em seu primeiro número, de dezembro de 1981, num artigo de grande impacto, “As hostes errantes”, Chico reflete sobre a questão regional e a dinâmica nacional, à luz de uma análise sobre o Nordeste. Tal como em “Crítica à razão dualista”, a expansão capitalista na região é pensada a partir da complexa imbricação que leva a que o “modelo” brasileiro se aninhe em meio a uma estrutura que não havia, em seu dizer, dissolvido as formas e relações pré-capitalistas. Estavam postos os termos para o que viria a ser desenvolvido posteriormente com mais densidade, em 1987, em *Elegia para uma re(li)gião*.

Sim, porque a *Novos Estudos Cebrap* persistiu como plataforma de prova de suas novas ideias. Aqui assinou mais de uma dezena de novos artigos enquanto esteve integrado ao Cebrap, ensaiando, em vários deles, argumentos que marcaram o curso de suas formulações posteriores. Foi assim em 1988 com um texto-chave para sua reflexão subsequente, “O surgimento do antivalor: capital, força de trabalho e fundo público” (n. 22). Sem contar as múltiplas reflexões sobre a natureza da redemocratização, como em “Democracia ou bestialização” (n. 8) ou em “Além da transição, quem da imaginação” (n. 12), ou mesmo em “Por que pacto social?” (n. 13). Foi ao leitor da *Novos Estudos* que Chico fez chegar os primeiros textos de sua reflexão sobre os desafios que se colocavam para um Partido dos Trabalhadores que ainda pendia entre intelectuais e sindicalistas (“E agora, PT?”, n. 15).

Mesmo depois de deixar o Cebrap, concentrando-se na Universidade de São Paulo e, nela, dedicando-se a consolidar o Nedic — Núcleo de Estudos dos Direitos da Cidadania (posteriormente Cenedic — Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania), os laços de Chico com esta revista continuaram. O papel dos mutirões nas estratégias de habitação e as armadilhas de seu emprego como dispositivo de política pública foram por ele tratados em “O vício da virtude: autoconstrução e acumulação capitalista no Brasil” (n. 74). Bem assim, deu continuidade à reflexão sobre o PT ao tratar — como sempre, de forma provocativa — de sua chegada ao governo, em “O momento Lênin” (n. 75).

Em 10 de julho de 2019, a ciência social brasileira perdeu Francisco de Oliveira, um de seus mais criativos e polêmicos intelectuais. *Novos Estudos Cebrap* se orgulha de ter sido, por longo período, eleita como um conduto para a veiculação de suas ideias. Em contrapartida,

também se beneficiou de sua condução, pois, por vários anos, Chico foi o diretor-responsável pelo veículo que trazia à cena intelectual brasileira as marcas do debate que se travava na instituição.

E foi como diretor-responsável pela *Novos Estudos Cebrap* que, em maio de 1987, no n. 17, Chico terminou sua homenagem a Candido Procópio Ferreira de Camargo com palavras que certamente também valem para homenageá-lo:

Se aqui e ali, nas entrelinhas, você perceber a emoção reprimida quase até à lamentação, não se engane nem se surpreenda: como sugeria o título de um velho clássico do cinema, “os intelectuais também choram”.

NADYA ARAUJO GUIMARÃES é professora titular sênior do departamento de sociologia da Universidade de São Paulo, pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) associada ao Cebrap e membro titular da Academia Brasileira de Ciências (ABC).



54 anos

dedicados à educação

CADERNOS DE PESQUISA (CP)
ESTUDOS EM AVALIAÇÃO EDUCACIONAL (EAE)
e TEXTOS FCC são publicações da FCC
que divulgam a produção científica
do campo educacional.

Além dessas publicações, a FCC apoia
e financia a revista **NOVOS ESTUDOS CEBRAP**.

fcc.org.br

 **Fundação
Carlos Chagas**